



# ARTIGOS

## PRODUÇÃO CIENTÍFICA E SOCIEDADE: A FRONTEIRA ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Gabriela Moulin<sup>1</sup>, Jefferson Sales<sup>2</sup>, Márcio Machado<sup>3</sup>, Roberto Brasileiro<sup>4</sup>, Sandro Cabral<sup>5</sup>, Valéria Bressan<sup>6</sup>, Fabricio Silveira<sup>7</sup>

- 1- BDMG Cultural, Brasil
- 2- Universidade Federal do Sergipe, Brasil
- 3- Universidade Federal da Paraíba, Brasil
- 4- Universidade Federal da Bahia, Brasil
- 5- Insper, Brasil
- 6- Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
- 7- Fiocruz-Minas e Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

### RESUMO

---

A Revista Gestão e Sociedade desde 2017 vem promovendo uma intensa reflexão acerca dos desafios e perspectivas que perpassam a complexa rede que envolve diferentes atores, recursos e instituições ligadas à produção acadêmica, com especial ênfase no campo da Administração. Sempre privilegiando a constituição de mesas e debates com pluralidade de visões, tem sido um espaço altamente qualificado na discussão de temas como fator de impacto e medidas de visibilidade, acesso aos periódicos, publicações locais e internacionais, ciência aberta, comunicação com a sociedade, redes sociais, interações institucionais, últimos movimentos da comunidade acadêmica, o papel dos programas de pós graduação, dentre outros.

Este amplo conjunto de temas foi contemplado na Mesa de Debates intitulada *Produção Científica e Sociedade: a Fronteira entre o Passado e o Futuro*, realizado no dia 05 de setembro de 2019 nas dependências da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, em Belo Horizonte, onde uma discussão altamente qualificada proporcionou uma riquíssima reflexão que ajuda a compreender os dilemas e perspectivas do passado e o que pode vir a ser o futuro.

Por isso, a Editoria Científica da Revista Gestão e Sociedade considerou necessário materializar as contribuições dos conferencistas como contributo à comunidade acadêmica do que foi discutido naquele momento. Nele é possível identificar desafios e caminhos possíveis neste amplo esforço de consolidar a importância e visibilidade da comunicação científica. Mais do que sete diferentes visões e olhares, manifestam o arguto sentimento de que somente a diversidade e a busca do debate permitem construir caminhos que respeitem as diferenças e reconheçam a complexidade de um ambiente em contínua mutação.

**Palavras Chave:** Produção científica; Sociedade; Comunicação acadêmica.

## ABSTRACT

---

Since 2017 *Gestão e Sociedade* has been promoting a series of debates in themes involving the academic production and its complex network of actors, resources and institutions. These forums have been a highly qualified space for the discussion of hot-topics such as impact factor, visibility measures, access to journals, local and international publications, open science, communication with society, social networks, institutional interactions, recent movements of the academic community, the role of postgraduate programs, among others.

As a contribution to the academic community, the scientific editors of *Gestão e Sociedade* decided to materialize the contributions of the seven lecturers in its latest debate table, entitled 'Scientific Production and Society: the Frontier between the Past and the Future', held on September 5, 2019 in the premises of the Faculty of Economic Sciences of UFMG, in Belo Horizonte.

The highly qualified discussion cast light on the challenges and possible paths in this broad effort to consolidate the importance and visibility of scientific communication. Moreover, the seven perspectives here presented express the view of this journal that only an open and plural debate can help forging a path that respect differences and recognize the complexity of this ever-changing environment.

**Keywords:** Scientific production; Society; Academic communication.

## LINGUAGEM, VISIBILIDADE E APROXIMAÇÃO

---

Gabriela Moulin (BDMG Cultural)

Por mais interdisciplinar que o mundo real nos pareça, há sempre categorias invisíveis (ou não tanto) que separam saberes e interpretações do mundo. Ao ser convidada para este debate na Faculdade de Ciências Econômicas (Face) da Universidade Federal de Minas Gerais para falar sobre “Produção Científica e Sociedade: a fronteira entre o Passado e o Futuro”, reflito sobre qual seria a minha contribuição como gestora de uma instituição cultural e estando fora do ambiente acadêmico. Resisto ao convite, mas ao final compareço.

Parto do meu campo de estudos e trabalho para refletir sobre os momentos em que a relação com a sociedade fica difícil e o diálogo não é possível. O que nos aproxima do outro? Como a produção científica ou a produção artística podem estabelecer aproximações de outras inventividades e práxis?

Um exemplo muito recente, que me é próximo, parece ser um importante ponto de partida: o aumento do público de museus de arte e história no Brasil no primeiro semestre

de 2019. Em meio à crise econômica, à polêmicas e campanhas contra exposições e à desestruturação do setor cultural, mais gente decidiu ir a museus.

A pesquisa foi feita pelo jornal *O Globo* em agosto de 2019 e mostra que os recordes não são só em exposições individuais, mas da frequência em geral. No levantamento com 40 grandes museus em todas as regiões do Brasil, 37 cresceram. E três bateram recordes. Na soma desses museus, o 1º semestre de 2019 registrou aumentos de **50%** sobre a média do mesmo período nos últimos quatro anos e de **61%** em relação a 2018.

Ao avaliarem os motivos do crescimento, os dirigentes e curadores elegem cinco:

- Interesse do público despertado em reação a fortes discussões sobre cultura em momento de cortes de verbas federais e estaduais e outros debates sociais acirrados do Brasil hoje;
- Mais exposições que destacam minorias e grupos antes pouco representados;
- Além de mais representado, o público 'se representa' mais em fotos de visitas no Instagram e outras redes, o que ajuda a divulgar as exposições;

- "Corrida" por museus após o incêndio no Museu Nacional em setembro de 2018;
- Políticas educativas e de inclusão adotadas por museus.

Não cabe aqui a análise de cenário completa, mas chama a atenção a frase “mais exposições que destacam minorias e grupos antes pouco representados”. As minorias às quais se referem são os negros, mulheres, indígenas, grupos LGBTQI+. Nem tão minoria assim em termos quantitativos se mirarmos a composição demográfica do Brasil, mas ainda minoria na “desvantagem social”.

Mas fato é que ao deixar de exibir predominantemente obras renascentistas europeias e passar a trabalhar com artistas e representações diversas, de outras cosmologias, surpresa: mais pessoas passam a se interessar por ir a museus.

A anedota parece irônica e óbvia, mas está na nossa formação intelectual e naquilo que se baseia o ensino e a formação escolar (da educação básica ao ensino superior).

O projeto *A História da Arte* de Bruno Moreschi nos apresenta dados quantitativos e qualitativos de todos os 2.443 artistas

encontrados em 11 livros utilizados em cursos de graduação de artes visuais no Brasil. A intenção do artista-pesquisador foi mensurar o cenário excludente da História da Arte oficial estudada no país a partir do levantamento e do cruzamento de informações básicas das/dos artistas encontradas/encontrados.

A partir da análise desses dados, observou-se que de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses. Em relação às técnicas utilizadas, 1.566 são pintores.<sup>1</sup>

Como ensinou Guimarães Rosa, linguagem e vida são a mesma coisa. Ainda que existam arte e artistas para além do mundo masculino, branco e europeu, eles foram apagados e, ao (re)tornarem à cena, geram identificação, e vida e linguagem tem a possibilidade de se reconciliarem no universo sensível. Conecto esta leitura à de Jacques Rancière. Para o autor (1996, p.33)<sup>2</sup>, a política somente existe quando ela rompe a ordem social estabelecida sob o regime de igualdade de participação nas decisões da

<sup>1</sup> Ver [https://brunomoreschi.com/historyof\\_art](https://brunomoreschi.com/historyof_art)

<sup>2</sup> RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

comunidade no momento em que um grupo que não existia, ou parecia não saber a linguagem estabelecida nas discussões democráticas, abre a boca e consegue falar a mesma língua dos outros grupos então estabelecidos. “É a introdução do incomensurável no meio dos corpos falantes”.

Não nos interessa todos falar a mesma língua, mas sim, entre os corpos falantes, possibilitarmos que línguas diferentes coexistam e se traduzam em novas conversas. Na pesquisa de arte, na pesquisa científica em qualquer área do saber, nos parece necessário o exercício de incorporar novos saberes. Talvez assim os vestígios de passado e de futuro que estão em nosso presente possam ser mais próximos de todos que experienciam a aprendizagem, quer seja ela na universidade, quer seja ela no museu, quer seja ela na floresta, na rua.

## **O PAPEL DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO DO GRADUANDO: ALGUMAS INQUIETAÇÕES**

---

**Jefferson Sales (UFS)**

Já é de entendimento no meio acadêmico que a produção científica brasileira em Administração não considera em sua agenda de discussão os impactos e reflexos do seu

papel na formação do graduando em Administração. Os pontos divergentes entre passado e futuro, diga-se em destaque muito relevantes para o amadurecimento da área, direcionam-se para os aspectos da pós-graduação, tais como formação de pesquisadores mestres e doutores, porém não aponta uma agenda para a formação de base de graduandos.

Nesse cenário, surge o elemento propulsor desta discussão: afinal, qual é o papel da produção científica na formação do graduando? Os impactos da produção científica atingem o processo formativo dos Administrador? Há uma agenda de discussão que considera esta temática? Em destaque, a produção científica preocupa-se com a formação do graduando?

Para provocar, ao menos, uma discussão inicial que envolvesse tais questionamentos foi empreendido um levantamento básico junto aos alunos do sétimo período de Administração da Universidade Federal de Sergipe, computando um rol de 50 indivíduos, que responderam questões voltadas à sua familiaridade com a pesquisa em Administração existente na própria universidade.

Necessário frisar que o conjunto de dados em tela não tem caráter e nem rigor de uma

pesquisa científica, limitando-se a uma coleta de dados básicos sobre percepções de respondentes e realizando um tratamento estatístico descritivo. Logo, por não considerar os ritos habituais de uma pesquisa de alto nível, considera-se o conjunto de dados apresentados a seguir como sendo um levantamento inicial.

O levantamento foi iniciado com a seguinte questão: *Você tem conhecimento sobre as pesquisas em Administração realizadas na UFS?* 10% afirmaram que não conhece nada sobre as pesquisas; 88% disse que conhece muito pouco; e apenas 2% revelou ser um bom conhecedor das pesquisas. É bem provável que os 2% seja composto por alunos que participam dos programas de iniciação científica da universidade.

Quando perguntados *se os professores os incentivam na realização de pesquisas* eles responderam da seguinte forma: 16% não recebe nenhum incentivo docente; 76% recebe muito pouco incentivo; e apenas 8% afirma já ter recebido relevantes incentivos dos seus professores. Na sequência constatou-se que 92% dos alunos do sétimo período de Administração nunca participaram como membros de uma pesquisa e que apenas 8% já foi engajado em alguma investigação na UFS.

O segundo bloco de questões voltou-se para as competências geradas pela pesquisa na formação do administrador. Assim, questionou-se se o ato *aprender a realizar pesquisas* pode ajudar na formação. 11% entenderam que ajuda muito pouco e 89% que ajuda bastante. Constatou-se aqui, a partir da questão 5, que 55% dos respondentes não pretendem seguir carreiras acadêmicas como pesquisadores e docentes.

14% dos respondentes declararam conhecer muito bem as possibilidades profissionais advindas da carreira de pesquisador, sendo que em contra partida 86% dizem não conhecer detalhes da carreira acadêmica.

Na tentativa de complementar os dados, foi realizado um levantamento junto ao Programa de Mestrado em Administração da mesma instituição em que buscou-se conhecer as procedências dos alunos calouros da turma 2019. Constatou-se que apenas 20% dos calouros são advindos da própria graduação da UFS.

Os dados listados aqui provocam indagações que carecem de urgência de resposta, já que parece nítido que o mesmo docente que atua na pós-graduação, formando mestres e pesquisadores de alto nível, não empreende os mesmos esforços na formação dos

graduandos. Logo, enumera-se aqui questões que podem servir de alto-reflexão para o debate:

- Estamos fazendo a leitura correta do perfil dos graduandos? Entendemos a realidade atual?
- A pesquisa consegue se comunicar com a graduação?
- A pesquisa precisa se adaptar para atrair a graduandos?
- A graduação consegue entender as oportunidades advindas com a pesquisa?

Na tentativa de retornar ao tema central da roda de conversa, apresentamos o que pode ser a fronteira entre o passado e o futuro da produção científica, sociedade e formação do graduando:

O passado, talvez...

- ...as estratégias da pesquisa utilizadas no passado para a formação do graduando não surtam mais efeitos para a geração atual;
- ...o modelo utilizado na formação dos mestrandos/doutorandos esteja esgotado. E;

O futuro, talvez...

•...devêssemos encontrar novas linguagens e meios de comunicação para atrair os graduandos;

•...devêssemos buscar novos modelos para a pós-graduação/pesquisa;

•...devêssemos empreender pesquisas mais voltadas para a resolução prática de problemas organizacionais e sociais.

Por fim, cabe frisar que não é alvo deste escrito trazer respostas ou encaminhamentos, mas sim provocar a reflexão e o pensamento prévio para ação, bem como torcer pelo surgimento de um novo cenário. Como disse certa vez um bom amigo, provocador e pensador, Sandro Cabral: “nós docentes estamos perdendo a capacidade de encantar nossos alunos”.

## **ESTAMOS PRODUZINDO PARA QUEM?**

---

**Márcio André Veras Machado, (UFPB)**

A área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo produziu aproximadamente 15.000 artigos, publicados em mais de 3.000 periódicos, no período de 2017 e 2018. Além do rápido crescimento da publicação, destaca-se o crescimento vertiginoso do número de periódicos na área. No entanto, ao contrário do que se observa em outros países, onde o



crescimento da publicação gerou um aumento na qualidade, em função do aumento na competição<sup>3</sup>, esse crescimento não vem sendo acompanhado de aumento na qualidade. Essa reflexão motivou a elaboração desta resenha, trazendo os seguintes questionamentos: é possível ler tudo que é produzido na área? O que influencia as pesquisas de qualidade? Afinal, estamos produzindo para quem? O que produzimos tem utilidade para outras esferas da sociedade, além da academia?

A discussão quantidade x qualidade está cada vez mais forte no Brasil. Dada a quantidade do que é produzido na nossa área, é praticamente impossível absorver tudo que é publicado. Por outro lado, no que diz respeito à qualidade, o que se observa é que trabalhos incrementais e não inovadores tem sido a regra. Particularmente, eu ainda acredito que qualidade vale mais do que quantidade. A dicotomia quantidade x qualidade, inevitavelmente, suscita as duas

dimensões clássicas do conhecimento acadêmico: rigor e relevância.

O rigor está relacionado à coerência interna do trabalho, ao desenho conceitual proposto, à clareza da conclusão e contribuição e, ainda mais importante, ao estrito cumprimento do rigor metodológico. Portanto, uma pesquisa acadêmica deve ser rigorosa para que o conhecimento dela decorrente seja confiável<sup>4</sup>. Além de rigorosa, uma pesquisa precisa gerar conhecimento adicional e ter utilidade prática<sup>5</sup>. Apesar de intuitiva, desenvolver pesquisas que sejam rigorosas e relevantes não é tão simples, uma vez que a união do rigoroso (acadêmicos) com o relevante (práticos) envolve realidades e preparos distintos, assim como um sistema de comunicação próprio, além de não ter uma solução trivial, já que as pesquisas acadêmicas são avaliadas por acadêmicos, que ainda pesam mais o rigor nas suas avaliações<sup>6</sup>. Afinal, o que influencia as pesquisas de qualidade?

---

<sup>3</sup> ALVESSON, Mats; Sandberg, Jörgen. Has Management Studies Lost Its Way? Ideas for More Imaginative and Innovative Research. *Journal of Management Studies*, v.50, n.1, p. 128-152, 2013.

<sup>4</sup> VASCONCELOS, C. F. Editorial: Relevância e rigor na academia. *RAE*, v.49, n.1, 2009.

<sup>5</sup> KIESER, A.; LEINER, L. Why the rigour–relevance gap in management research is unbridgeable. *Journal of Management Studies*, v.46, n.3, p.516-533, May 2009.

<sup>6</sup> KIESER, A.; LEINER, L. Why the rigour–relevance gap in management research is unbridgeable. *Journal of Management Studies*, v.46, n.3, p.516-533, May 2009.

Na visão de Alvesson e Sandberg (2013)<sup>7</sup>, as pesquisas de qualidade são influenciadas por três *drivers*: condições institucionais, normas profissionais e identidade do pesquisador. As condições institucionais dizem respeito às instituições (agências de fomento, universidades, escolas/programas) que regulam a condução das pesquisas. O indicador chave, geralmente, é o número de artigos publicados em uma lista de periódicos. A pressão por publicação nos programas de pós-graduação faz com que a qualidade (desenvolver pesquisas inovadoras) fique em segundo lugar. Os próprios periódicos não primam pelas pesquisas inovadoras. Dada a quantidade de periódicos existentes na área, eu ousaria dizer que alguns até precisam de artigos para fechar seus números.

O segundo vetor, normas profissionais, está relacionado aos editores, autores e revisores que, de forma indireta, ditam as normas e, conseqüentemente, a qualidade dos artigos. Assim, de alguma maneira, todos nós somos responsáveis pela qualidade do que é produzido, já que, de uma forma ou de outra, somos partícipes no processo, seja como autor, seja como revisor ou editor. Portanto, nós também podemos contribuir para

melhorar a qualidade das pesquisas da nossa área.

Por fim, no terceiro vetor, identidade do pesquisador, entende-se que o pesquisador acaba se acomodando às normas profissionais, deixando de lado as pesquisas inovadoras. Nesse sentido, acaba prevalecendo a lei do menor esforço, ou seja, onde consigo maximizar minha utilidade (publicação), simultaneamente à minimização do meu esforço? Esse tipo de pensamento tem travado, por exemplo, a busca pela internacionalização das pesquisas por parte de alguns pesquisadores brasileiros da nossa área.

Dessa forma, entende-se que, com a junção dos três *drivers*, o pesquisador acaba buscando uma diferenciação/ranking (às vezes, até mesmo um modesto nível de sucesso, como a bolsa de produtividade de pesquisa do CNPq/PQ). Essa diferenciação acaba gerando um efeito, no mínimo, preocupante: um bom pesquisador é aquele que consegue publicar no periódico A, não importa a qualidade do trabalho, pois somos vistos e reconhecidos pelos nossos lattes.

---

<sup>7</sup> ALVESSON, Mats; Sandberg, Jörgen. Has Management Studies Lost Its Way? Ideas for More Imaginative and

Innovative Research. Journal of Management Studies, v.50, n.1, p. 128-152, 2013

Diante de tudo que foi dito, questiono: estamos produzindo para quem? Quem lê nossos trabalhos? O debate em torno da dicotomia originalidade x utilidade está cada vez mais presente nas nossas discussões. Corley e Gioia (2011)<sup>8</sup> trazem um bom exemplo disso, ao evidenciar uma história do início dos anos 1980, onde, no intuito de conectar melhor a teoria com a prática, o comitê de organização do Academy of Management resolveu convidar alguns executivos para participar do evento. Ao final do dia, o professor que havia convidado os executivos, ansioso por um feedback, indagou aos convidados: o que vocês acharam dos trabalhos apresentados ao longo do dia? Então, um dos executivos respondeu: vocês falam engraçado.

Essa pequena história evidencia, ainda hoje, principalmente no Brasil, essa baixa interação acadêmica x indústria, sugerindo que acadêmicos e práticos pertencem a mundos distintos, que se isolaram, com o passar do tempo, cada um em suas bolhas. Somos uma área de Ciências Sociais Aplicadas, teoricamente, preocupada com soluções organizacionais. No entanto,

quantos de nossos trabalhos são lidos por executivos? Quantos de nossos trabalhos foram usados para solucionar algum problema organizacional? Fazendo uma analogia com a área de saúde, quando os achados de uma pesquisa tem o potencial de melhorar a saúde e o bem estar da sociedade, mas não são traduzidos em benefícios para o mundo real, isso representa o fracasso do sistema e uma perda para a sociedade<sup>9</sup>.

Nesse sentido, como conciliar a teoria e a prática na área de Administração? Observa-se um baixo impacto das pesquisas na solução de problemas organizacionais. Da mesma forma, observa-se pouca procura por pesquisas acadêmicas por parte de gestores para resolver problemas cotidianos, apesar do alto volume de recursos gastos em consultoria. Seria a aproximação entre práticos e acadêmicos uma solução para a relevância de nossas pesquisas, além de uma alternativa para financiamento de nossos projetos? Se sim, quais as possibilidades para essa aproximação?

Por fim, na minha opinião, temos que começar a valorizar a pesquisa não apenas pelo veículo de disseminação, mas pelo seu

---

<sup>8</sup> CORLEY, Kevin G.; GIOIA, Dennis A. Building Theory About Theory Building: What Constitutes A Theoretical Contribution? *Academy of Management Review*, v. 36, n. 1, p.12–32, 2011.

<sup>9</sup> KOOLS, et. al. Publications Are Not the Finish Line: Focusing on Societal Rather Than Publication Impact. *Frontiers in medicine*, v.5, 2018.

impacto, impacto este não apenas aquele calculado com base em métricas de citação, mas aquele que provoca ressonância e relevância no contexto econômico e social.

## A RELAÇÃO REVISTA X PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE FINANCIAMENTO

---

**Roberto Brasileiro (UFBA)**

O número de revistas da área de Administração teve um crescimento considerável nos últimos quinze anos. Em 2014 eram 111 revistas avaliadas pelo sistema Qualis/Capes na área de Administração. Em 2013 esse número já era de 1.087 periódicos e em 2017 chegou a 2.801. Esse crescimento está muito relacionado com o aumento no número de programas de pós-graduação na área. Em 2006 eram 89 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, envolvendo mestrados profissionais e mestrados e doutorados acadêmicos. Em 2013 o número de cursos chegou a 171 e em 2018 a 264<sup>10</sup>. O que se pode perceber é que as revistas foram sendo

criadas à medida que os programas avançavam, notadamente com a criação dos doutorados. A grande maioria dos Programas de Pós-Graduação (PPG) da área acabou por criar uma revista. Alguns até mais de uma.

A gestão de um periódico científico envolve atividades de cunho efetivamente científico, bastante vinculadas à figura do editor da revista e muitas atividades administrativas, normalmente desenvolvidas por analistas ou secretários (*staff*). Ambas as atividades possuem seus *drivers* de custos<sup>11</sup>.

Na parte científica, as atividades em geral envolvem o gerenciamento das submissões recebidas, a revisão inicial (*desk review*) e o gerenciamento da revisão por pares. Sendo assim, o número de artigos recebidos, a taxa de rejeição do periódico, o número de avaliadores por artigo e o número de rodadas de revisão são *drivers* de custos, ou seja, se

---

<sup>10</sup> CAPES. Documento da Área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, 2019. Acesso em: 27 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/92-comunicacao/9708-administracao-publica-e-de-empresas-ciencias-contabeis-e-turismo-memoria-da-area>>; SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área

de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

<sup>11</sup> SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

estes indicadores forem elevados, o custo do processo tende a subir<sup>12</sup>.

As atividades administrativas também consomem recursos. São tarefas ligadas à formatação dos artigos, uso de referências cruzadas, uso de metadados, edição e formatação em HTML, transferência de dados para a plataforma e preservação do conteúdo. Seus principais *drivers* são: número de artigos, número de edições e o tipo de plataforma a ser utilizada<sup>13</sup>. Convém ressaltar que no Brasil, em geral, utiliza-se de plataformas gratuitas, uma vez que este custo é bem elevado.

Tem-se, portanto, um conjunto de custos considerável que, obviamente, precisa de financiamento para que haja sustentabilidade no sistema. Os custos são, em sua maioria, de pessoal (editor e *staff*), serviços técnicos gerais, como manutenção de site e servidores, serviços técnicos específicos, como revisão e normalização, marcação em XML e atribuição de DOI, além de espaço físico, representações, divulgação

e outros. Do lado do financiamento tem-se como opções a priori: assinaturas, recursos do Programa de Pós-Graduação (PPG) ou da instituição mantenedora do programa e recursos de agências de fomento<sup>14</sup>. Considerando o grande avanço das plataformas abertas e sua adoção praticamente total no Brasil, o financiamento via assinaturas não é mais factível já a alguns anos. Restam, portanto, duas alternativas.

Na condição de ex-coordenador do Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia, o qual possui dois mestrados, um acadêmico e um profissional, e um doutorado, pude acompanhar como os recursos para o financiamento do período Organizações & Sociedade, criado a partir do desenvolvimento do PPG, foram sendo reduzidos aos poucos. Com as inúmeras restrições impostas para utilização de recursos nossa capacidade de manutenção da revista foi sendo aos poucos minada. A captação de recursos através de editais do

---

<sup>12</sup> SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

<sup>13</sup> SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

<sup>14</sup> SAES, M. S. M.; MELLO, A. M.; SANDES-GUIMARÃES, L. V. Revistas brasileiras em Administração: relevância para quem? Revista de Administração de Empresas, v. 57, n. 5, p. 515-519, 2017; SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

CNPq foi muito importante nos anos de 2015 a 2018. Em todos eles obtivemos êxito nos pedidos de apoio, o que demonstra a importância do periódico nacionalmente, bem como a eficiência dos editores.

Contudo, o cenário de incertezas que envolve a pós-graduação brasileira atual coloca em risco a sobrevivência não apenas da O&S, mas de inúmeras revistas nacionais, notadamente aquelas vinculadas a instituições públicas sem *funding* específico.

Historicamente o modelo de financiamento dos periódicos nacionais tem sido de: a) instituição mantenedora; b) instituição mantenedora e assinaturas; c) instituição mantenedora, assinaturas e CNPq; d) instituição mantenedora e CNPq; e) instituição mantenedora, assinaturas, CNPq e Entidades Comerciais<sup>15</sup>. Se considerarmos que as instituições mantenedoras públicas possuem cada vez menos capacidade de absorção destes gastos, que assinaturas representam uma posição contrária ao *open source*, que o CNPq pode não lançar editais de apoio e que as entidade comerciais

provavelmente apoiarão poucas revistas, um novo modelo de financiamento e de gestão das revistas precisa ser pensado para não perdemos alguns importantes veículos.

Balietti (2016), Barclay (2016) e Burns (2017)<sup>16</sup> ajudam a refletir sobre esse novo modelo de gestão e como o mesmo passa necessariamente pela reflexão acerca de questões importantes, como:

- Com as submissões crescendo, como manter um sistema de *peer review* de qualidade e gratuito?
- Ênfase em *top journals* deve realmente impactar na redução das citações dos periódicos brasileiros?
- Com o movimento *open-access* cada vez mais forte... quem deve pagar a conta? Instituições? Autores? Leitores? Mix?

Um caminho possível parece ser o da união de revistas e, conseqüentemente, compartilhamento dos gastos. Pode ser mais sensato ter um número menor de revistas, porém mais robustas, com forte integração

---

<sup>15</sup> SANDES-GUIMARÃES, L. V.; DINIZ, E. H. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. Revista de Administração, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

<sup>16</sup> BALIETTI, S. Here's how competition makes peer review more unfair. The conversation, Boston, 8 ago. 2016.;

BARCLAY, D. A. Could subscriptions for academic journals go the way of pay phones? The conversation, Boston, 23 out. 2016.; BURNS, P. Academic journal publishing is headed for a day of reckoning. The conversation, Boston, 5 nov. 2017.

institucional, coeditores compartilhando atividades e conhecimento, e uma gestão coparticipativa.

## **O PAPEL DOS PESQUISADORES DA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO**

---

**Sandro Cabral (INSPER)**

Diante das mazelas econômicas, sociais e morais que assolam o Brasil, alguns podem se perguntar qual é o papel de pesquisadores da área de Administração em meio a esse cenário. Afinal como contribuir para melhorar o quadro atual a partir da mobilização do conhecimento acumulado por nós ao longo dos tempos? Considerando que nos apropriamos privadamente do valor gerado por investimentos públicos em nossa formação, obtendo, assim, padrões de conforto material mais elevados em comparação a inexistência de tais investimentos, um maior engajamento de nossa parte para melhorar o nosso entorno é, minimamente, uma questão ética.

No caso específico da área de Administração podemos contribuir por meio de esforços para aprimorar o funcionamento dos mais variados arranjos organizacionais existentes na sociedade. Nessa linha, podemos dar vazão ao nosso potencial intelectual em benefício do bem comum de diversas formas.

Em primeiro lugar, podemos transformar nossa realidade por meio da formação de indivíduos mais capazes. Para além de conteúdos atualizados e conectados com o entrono de organizações públicas, privadas e sem fins lucrativos que estão ao nosso redor, temos como missão inspirar nossos estudantes para que eles se sintam confiantes para transformar o que está a sua volta. Estratégias de ensino centrado nos estudantes e suas necessidades e não sobre as conveniências de docentes ou das limitações da infraestrutura existente são essenciais. O brilho nos olhos de nossas alunas e alunos, sem dúvida a principal recompensa em nosso ofício, não vem sem esforço, dedicação e incentivos adequados capazes de premiar aqueles que o fazem de forma adequada e punir os que não se esforçam. A desmotivação de docentes com potencial transformador é o início da debacle na área de educação.

Perdemos todos sem a energia vital de professoras e professores comprometidos com o aprendizado e propensos a se renovar aprender a aprender, razão pela qual precisamos falar seriamente sobre avaliações de docentes para que não perpetuemos o erro de tratar igual os desiguais.

Igualmente, podemos contribuir para melhorar a vida das pessoas por meio de pesquisas que contribuam para compreender as razões pelas quais organizações apresentam bom desempenho ou são disfuncionais. A definição da medida de desempenho varia de acordo com o interesse do pesquisador e com a natureza da organização que se quer investigar. Somos livres para nos aprofundar naquilo que está mais alinhado com nosso treinamento prévio, porém não podemos nos permitir ignorar a realidade do nosso entorno. Nessa linha, enquanto pesquisadores da área de estratégias e finanças, por exemplo, se debruçam sobre os recursos e competências que contribuem para o aumento da lucratividade e da valorização das ações de organizações de capital aberto, tais profissionais não podem se olvidar das consequências da primazia de acionistas sobre os demais *stakeholders* que fazem parte do ecossistema em que as organizações estão inseridas.

A compreensão desses fatores é crucial não somente para a sobrevivência e perenidade de organizações com lucrativos como também para que saiba o que pode ser feito pelas organizações de forma isolada ou conjuntamente com governos e outras organizações da sociedade civil para gerar

valor público, ou seja, gerar valor para um conjunto amplo de atores para além dos diretamente beneficiados por uma ação. Rigor metodológico é fator chave para que se saiba o que pode contribuir efetivamente para os efeitos observados, positivos ou negativos. Mais uma vez, aqui, se faz necessária nossa atuação, seja para sermos honestos intelectualmente para assegurar a consistência de nossos achados, independentemente do método que empregamos, seja para reconhecermos a importância da pesquisa de outras áreas de nosso campo.

A construção de uma sociedade mais plural e tolerante às diferentes visões de mundo e preferências passa pela construção de um ambiente de respeito mútuo e de diálogo na academia, coisa que nós pesquisadores também não somos referência, ao contrário. Sem dúvida, a multiplicação de publicações pouco relevantes e sem o devido rigor em periódicos inflados por rankings construídos de forma endógena e auto-interessada em nada auxilia a transformação de nossa realidade.

Por fim, podemos contribuir para mudar nosso entorno por meio de maior interação com organizações do mundo real. Parte de nosso tempo pode ser usada para



compartilhar os achados de nossas pesquisas com gestores públicos, privados e do terceiro setor, sobretudo aqueles que contatamos para realizar nossas pesquisas e que, com frequência, não recebem nenhum tipo de retorno sobre as implicações de nossos achados para sua realidade. Para que possamos devolver ao campo aquilo que dele colhemos e nos nutrimos, temos que adaptar nossa linguagem de maneira a sermos compreendidos por não iniciados nas rodas da academia. Partindo do princípio que o conhecimento que trazemos faça sentido as gestoras e gestores organizacionais, o estabelecimento de canais de comunicação adequados viabiliza a apropriação dos saberes construídos por quem vai efetivamente utilizá-los para transformar a realidade, bem como a legitimação de acadêmicos da área de administração.

Naturalmente, não é preciso engajar necessariamente em ações de consultoria, algo que boa parte de nós está impedido de fazer por limitações legais, pessoais ou de tempo, para estabelecer maiores pontes com o dito mundo real. Podemos desenvolver e testar novas abordagens voltadas a compreensão do melhor funcionamento das organizações de interesse por meio de arranjos colaborativos envolvendo estudantes, docentes e gestores. A liderança

acadêmica se faz necessária para alinhar os incentivos e as expectativas para que se tenha experiências transformadoras e benéficas para as partes envolvidas.

É muito difícil que docentes sejam capazes de realizar com maestria todas essas atividades. O mito de que todos devem realizar ensino, pesquisa e extensão talvez seja uma das grandes barreiras limitantes para a potencialização do valor gerado por produtoras e produtores de conhecimento na área de Administração, sobretudo quando é necessário assumir funções administrativas para corrigir deficiências estruturais que drenam nossa energia transformadora. Reconhecer tais limitantes e debatê-los de forma honesta, aberta e respeitando as diferentes visões é um primeiro passo para que sejamos capazes de transformar nossa realidade por meio de nossa atuação.

## **A PRODUÇÃO CIENTÍFICA E AS SUAS INTERFACES COM A SOCIEDADE**

---

**Valéria Bressan (UFMG)**

A produção científica e as suas interfaces com a sociedade se apresentam de formas diversas, e também se encontram em estágios distintos não só entre os colégios de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES), como também dentro das áreas. No caso específico dos campos da Administração Pública e de Empresas, das Ciências Contábeis e do Turismo, trago neste comunicado algumas discussões específicas sobre a produção científica na subárea de Ciências Contábeis.

É notável que as pesquisas na área contábil foram impulsionadas pela criação de novos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, principalmente após os anos 2000. Até 1988, o Brasil contava com somente três periódicos da área contábil (Oliveira, 2002). Esse cenário tem se alterado, porém a Ciência Contábil ainda é uma subárea que a maioria dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) tem grandes desafios. De acordo com os resultados finais da avaliação quadrienal 2017 da CAPES<sup>17</sup>, existem 27 PPGs, que estes representam somente 14% dos programas dentro da área. Destes, apenas 1 (um) PPG possui conceito 6 na CAPES, e 8 (oito) programas possuem conceito 5. Cabe destacar ainda que, na subárea de Ciências Contábeis existem apenas dois bolsistas de produtividade 1A do CNPq.

Esses desafios se colocam não somente para a evolução das pesquisas, mas também na carência de recursos para o financiamento das mesmas. Outro ponto relevante é a forma de comunicação das pesquisas com a sociedade. No Brasil, a maioria das pesquisas científicas em Ciências Contábeis está publicada em português, o que viabilizaria uma maior interface com a comunidade nacional. Por outro lado, esta característica dificulta a obtenção de uma visibilidade internacional, a qual é uma diretriz relevante para a análise comparativa da qualidade da produção comparada a áreas correlatas.

Nesta perspectiva, lanço uma questão para reflexão para nós, pesquisadores: *como as pesquisas da área pretendem atingir a sociedade?* Um impacto das pesquisas nas organizações, gerando melhoria de desempenho organizacional e consequentemente maior absorção de mão-de-obra, certamente impactarão na vida das pessoas, e da comunidade onde estão inseridas. E ainda: como esse resultado será percebido pela sociedade?

Tais reflexões induzem a outros pontos para debate: Como devemos comunicar as

---

<sup>17</sup>[http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos\\_de\\_area\\_2017/27\\_ADMI\\_doc\\_area\\_2016\\_final\\_20jan2017.pdf](http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/27_ADMI_doc_area_2016_final_20jan2017.pdf)

pesquisas? Como fazer com que as mesmas possam atingir o público ao qual se pretende? Como esse público pode perceber a utilidade e relevância dos trabalhos científicos? Como fazer reconhecer o que é relevante? E relevante para quem?

Outro ponto também que precisa ser discutido pela área é: como se pretende atingir uma visibilidade internacional? Qual seria o foco das pesquisas contábeis para impactar o cenário internacional sobre o tema?

O tempo de maturidade e existência de cada PPG poderá propiciar as melhores respostas para esses questionamentos. O passado já temos contado, mas como gostaríamos de nos posicionar enquanto campo de pesquisa no médio e no longo prazos ainda é uma questão em aberto. Estes pontos irão refletir no futuro da área, da qual se espera que os frutos das pesquisas promovam impactos tanto para comunidade local e nacional e quanto para a literatura científica internacional.

É um fato que ainda “somos jovens” se comparados a outras áreas do conhecimento,

e por isso é importante repensar como promover uma maior proximidade e fortalecimento das ligações academia-mercado, de forma a contribuir com as organizações e consequentemente com a sociedade de modo geral.

## **PRODUÇÃO CIENTÍFICA E SOCIEDADE: A FRONTEIRA ENTRE O PASSADO E FUTURO**

---

**Fabricio Silveira (FIOCRUZ-Minas e UFMG)**

“A ciência acumula conhecimento mais rápido do que a sociedade acumula sabedoria”. A célebre frase do escritor e divulgador científico Isaac Asimov nunca se fez tão oportuna.

A produção científica indexada global cresceu cerca de 15% nos últimos 6 anos. No Brasil esse movimento é ainda mais acelerado. Relatório recente elaborado pela Clarivate para a CAPES mostrou que, no ano de 2018, pesquisadores brasileiros publicaram mais de 50 mil artigos científicos indexados na *Web of Science*, um crescimento de 30% em relação a 2013<sup>18</sup> e que acompanhou a forte ampliação do

---

<sup>18</sup> Clarivate (2019) Research in Brazil: Funding excellence. Report prepared on behalf of CAPES by the Web of Science group. Disponível em:

[https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2019/09/ClarivateReport\\_2013-2018.pdf](https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2019/09/ClarivateReport_2013-2018.pdf), acesso em 26/11/2019.

número de revistas e cursos de pós-graduação no país. Na área de Administração, por exemplo, o Qualis-Capes avaliou 2801 revistas em 2017, um total quase 2,6 vezes maior que o de 2013<sup>19</sup>.

Não obstante este notável crescimento da produção científica global e da cumulatividade do conhecimento, convivemos hoje com o retorno de antigos mitos e o recrudescimento de posições anticientíficas. A comprovada interferência das “fake news” em processos eleitorais ao redor do globo<sup>20</sup>, o crescente antiglobalismo, movimentos anti-vacina, a expansão de associações terraplanistas e o negacionismo dos problemas ambientais são exemplos notórios da “desinformação” pública, hoje tão proficuamente debatida na academia e nas mais diversas instâncias da sociedade (mídia, tribunais eleitorais, comissões parlamentares, etc.).

Por certo, essa contradição exige uma profunda reflexão sobre os condicionantes

do papel da ciência na orientação do processo de desenvolvimento técnico, material e também social. Em tese, ao menos um de dois problemas ocorrem: ou a produção científica recente vem perdendo qualidade, não conseguindo se diferenciar da pseudociência, e/ou a ciência tem se comunicado mal com a sociedade. Sendo verdade que ambos os fenômenos acontecem em maior ou menor grau, a solução passa tanto (i) pela requalificação da ciência, como pela (ii) revisão da sua comunicação com a sociedade. Isto é, um movimento para dentro e para fora dos seus limites e para o qual as revistas e publicações acadêmicas estão em posição ímpar.

Internamente, faz-se hoje necessário o reajustamento do funil da produção científica. Pergunta e método, o binômio fundamental da ciência, precisam ser readequados, ainda que o principal problema pareça estar no segundo. De fato, para além da usual crítica do distanciamento do ensino e produção acadêmica da realidade<sup>21</sup>, o

---

<sup>19</sup> CAPES (2019) Documento de área: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Disponível em: [https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos de area 2017/27 ADMI doc area 2016 final 20jan2017.pdf](https://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos%20de%20area%202017/27%20ADMI%20doc%20area%202016%20final%20jan2017.pdf), acesso em 21/11/2019.

<sup>20</sup> A desinformação pode ser uma estratégia política e/ou militar deliberada como sugerem uma série de evidências recentes. Ver, por exemplo, a série do New York Times sobre o tema em:

<https://www.nytimes.com/2018/11/12/opinion/russia-meddling-disinformation-fake-news-elections.html>

<sup>21</sup> Um exemplo nas ciências sociais aplicadas foram a fundação do *Institute for New Economic Thinking* (INET) em 2009 e os protestos na Universidade de Harvard em 2011 que levaram a uma profunda discussão sobre as cadeiras do curso de economia na instituição e também fora dela. Ver <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2019-03->

fenômeno recente de expansão das revistas, a falta de reconhecimento das atividades de revisão e editoração pelas instituições e outras normatizações parecem ter contribuído para a diminuição do rigor do processo de avaliação por pares. Externamente, é fundamental repensar o modelo e meios de divulgação científica, a reaproximação com a sociedade e suas novas formas de comunicação, onde um vídeo, mensagem de *chat* ou *tweet* têm mais impacto que os excessivamente formais, técnicos e longos artigos científicos. Com efeito, as revistas nacionais têm baixo impacto (Clarivate, 2019), o que pode estar refletindo tanto a qualidade questionável das pesquisas, como a baixa aderência da pesquisa acadêmica a temas práticos, baixo nível de colaboração internacional ou mesmo a inadequação dos modelos tradicionais de publicação científica aos tempos atuais.

Faz-se necessário, destarte, o investimento na melhoria da gestão das revistas nacionais, hoje conduzidas com baixo apoio institucional e, conseqüentemente, com baixa dedicação de professores. Há outros aspectos sistêmicos relevantes, que deveriam ser tratados pela CAPES e MEC, como a discussão das métricas de avaliação

dos periódicos, reconhecimento das atividades editoriais na carreira de pesquisadores e professores, mecanismos de recompensa a avaliadores e revisores, apoio financeiro para contratação de equipe técnica dedicada, promoção do livre acesso a periódicos e incentivo a atividades de extensão relacionadas à promoção e melhoria da comunicação científica.

No âmbito das revistas, o caminho pode ser o da ciência aberta, modelo que difere do atual por ser mais célere e transparente, desintermediado, onde as revistas funcionam como espaço de debate e desenvolvimento científico e não apenas de validação final do esforço prévio de pesquisadores. Entre as boas práticas apregoadas estão: (i) publicação contínua e não em números periódicos, de forma a acelerar o processo editorial e favorecer a interlocução com as tão dinâmicas pautas da sociedade, o que, em tese, poderia fomentar uma contribuição menos reativa da ciência no debate público, como notado recentemente; (ii) revisão aberta e positiva, onde a avaliação por pares seja dedicada a aprimorar a produção acadêmica em um sistema quase de apadrinhamento, onde ambos, autores e revisores sejam identificados e recebam

---

[12/gregory-mankiw-steps-down-at-harvard-ending-an-era-in-economics](https://www.bbc.com/news/economy-55828282)

crédito na publicação do debate que culminou na publicação final; (iii) publicação de dados e materiais adicionais, o que garantiria a eventual replicação do estudo com o objetivo de ampliação do debate e/ou validação ou rejeição de suas hipóteses e conclusões; (iv) exploração de novas mídias, plataformas e formatos, dentre os quais canais de vídeo, *blogs*, *podcasts* e também de mídia tradicional (rádio/televisão) para divulgação junto a um público mais amplo e diverso. Isto é, um verdadeiro reempacotamento da ciência para consumo da sociedade.

É papel da ciência combater mitos e lançar luzes sobre as verdadeiras boas práticas na sociedade, construindo pontes para o futuro. A discussão proposta pra esta mesa, destarte, faz-se em um momento verdadeiramente oportuno. Há uma série de caminhos e soluções alternativas e as revistas acadêmicas estão posição estratégica para contribuir para a maior efetividade da ciência na transformação da sociedade.

## Contato

---

**Gabriela Moulin**  
BDMG Cultural  
E-mail: gabrielam@bdmg.mg.gov.br

**Jefferson Sales**  
Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil  
E-mail: profsales@hotmail.com

**Márcio Machado**  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil  
E-mail: mavmachado@hotmail.com

**Roberto Brasileiro**  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil  
E-mail: robertobrasileiro@gmail.com

**Sandro Cabral**  
INSPER, São Paulo, São Paulo, Brasil  
E-mail: sandroc2@insper.edu.br

**Valéria Bressan**  
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
E-mail: valeria.fully@gmail.com

**Fabício Silveira**  
FIOCRUZ-Minas e Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
E-mail: fabriciosilveira@gmail.com